

# Governo espera inflação cair para cortar juros

*Ministro Guido Mantega diz que redução da pressão inflacionária levará política monetária a mudar*

LUAIKO OTTA

**B**RASÍLIA – Assim que a inflação baixar, o governo vai cortar juros de uma forma mais agressiva que a administração anterior. Foi o que afirmou ontem o ministro do Planejamento, Guido Mantega, em depoimento à Comissão de Assuntos Econômicos (CAE). “Dentro em breve, quando a pressão inflacionária for debelada a política monetária deverá ser diferente”, disse. “Se não houver a adoção de uma nova dinâmica da taxa de juros, não conseguiremos atingir o crescimento sustentado.” Na sua avaliação, a taxa de juros e o alto custo dos financiamentos “são os principais males que assolam a economia brasileira”, e o Estado brasileiro é o recordista mundial de pagamento de juros sobre a dívida.

Segundo Mantega, o governo anterior teve oportunidade de cortar os juros em março do ano passado, mas não o fez “talvez por vício” de permitir taxas “estratoféricas”.

Na mesma reunião, o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, afirmou que “o Brasil já passou pelo período de crise maior”. Na sua avaliação, mesmo o início da guerra entre Estados Unidos e Iraque “não será capaz de trazer uma instabilidade no País capaz de nos jogar num choque externo como o do ano passado.” Durante todo o debate na CAE, os dois ministros procuraram ressaltar as diferenças entre os governos Fernando Henrique e Luiz Inácio Lula da Silva, ao mesmo tempo em que travaram uma sutil disputa no posto de porta-voz econômico do novo governo. Eles também criticaram o quadro econômico herdado e rebateram acusações do líder do PSDB no Senado, Artur Virgílio (AM), de terem contribuído para aumentar o nervosismo do mercado financeiro

em meio à crise de 2002.

Mantega afirmou que as diferenças ficarão mais claras quando o governo enviar ao Congresso seu Plano Plurianual. Além de uma nova forma de administrar a taxa de juros, o governo Lula terá uma participação mais ativa no desenvolvimento econômico. “O núcleo duro do governo anterior tinha restrição a ação direta do governo em política que pudesse soar como intervenção do poder público no mercado”, comentou.

Em sua exposição, Palocci apresentou um estudo que mostra que, caso o governo Fernando Henrique tivesse obtido superávits primários de 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) desde o início do primeiro mandato, a dívida pública estaria em 27,8% do PIB, cerca de metade do que é hoje.

Palocci afirmou que, ao contrário da administração anterior, o governo Lula optou pela “política fiscal rigorosa”, via corte nos juros, e não no aumento da carga tributária, para fazer os ajustes necessários à economia. Ele disse que aprendeu a importância do ajuste fiscal não com seu antecessor, o ex-ministro Pedro Malan, mas “com as donas de casa”. O ministro afirmou, ainda, que o governo anterior só obteve

superávits primários quando isso foi exigido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os dois ministros também lembraram que o governo anterior não se esforçou pela reforma tributária, uma medida que consideraram essencial para fortalecer as exportações e, por consequência, reduzir a vulnerabilidade externa do País. Por outro lado, Palocci admitiu que o PT “pode ter errado” na votação de outras reformas econômicas.

“Não tenho dificuldades de reconhecer meus erros; só não fico fazendo para não tirar assunto da oposição”, brincou.

“Vamos pensar para frente”, apelou o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP). “Isso significa votar o mais rápido possível a reforma tributária”, completou.

**Quando a pressão inflacionária for debelada, a política monetária deverá ser diferente**

**Guido Mantega, ministro do Planejamento**